

CATEQUESE E EXPERIÊNCIA DE DEUS EM JESUS CRISTO

(Catechism and experience of God in Jesus Christ)

*Juan Antonio Ruiz de Gopegui SJ **

RESUMO: O processo da renovação catequética adquire cada dia consciência mais clara de que a catequese deve ser obra de toda a comunidade eclesial. É na Igreja local que o cristão deve aprender a dizer a própria fé com palavras e gestos, como expressão de uma experiência pessoal de Deus. A confissão da fé cristã só pode nascer do reconhecimento da voz do próprio Deus na figura de Jesus Cristo transmitida pela Igreja. Reconhecer Deus em Jesus Cristo significa encontrar nele o Sentido pleno não apenas da própria vida, mas da vida do mundo todo. Para as comunidades cristãs serem lugar privilegiado da socialização da fé, a eucaristia dominical, enquanto mistagogia ao Mistério de Cristo, deverá ser o centro da catequese. Tirar as consequências disso levaria a Igreja a rever, em profundidade, a configuração das comunidades locais e consequentemente dos ministérios.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência de Deus, Catequese, Discipulado, Iniciação cristã, Socialização da fé.

ABSTRACT: The process of catechetical renovation acquires each day a clearer consciousness that catechism should be the work of the entire ecclesial community. It is in the local Church that the Christian should learn to articulate one's own faith with words and gestures, as expression of a personal experience of God. The

*Departamento de Teologia da FAJE – Belo Horizonte. Artigo submetido a avaliação no dia 02/10/2009 e aprovado para publicação no dia 13/10/2009.

confession of the Christian faith can only emerge from the recognition of God's own voice in the figure of Jesus Christ transmitted by the Church. To recognize God in Jesus Christ means to find in him the full meaning not only of one's own life, but of the life of the whole world. For the Christian communities to be the privileged place of faith sharing, the Sunday Eucharist, while mystical expression of the Mystery of Christ, will have to be the center of the catechism. To obtain the consequences of this would bring the Church to review, indepthly, the configuration of the local communities and consequently the configuration of the ministries.

KEY-WORDS: Experience of God, Catechism, Discipleship, Christian initiation, Faith sharing.

Descompasso entre documentos e prática catequética

Ao celebrar neste ano o 50º aniversário do primeiro Ano Catequético, com o lançamento do Ano Catequético Nacional a Igreja no Brasil quis dar continuidade à renovação catequética pós-conciliar. O objetivo é ambicioso: contribuir mediante um grande mutirão catequético centrado na *iniciação cristã* para que todas as Dioceses, Paróquias e comunidades sejam de fato *comunidades catequizadoras*, formando para o discipulado missionário. O documento-base reafirma claramente a importância que a Conferência Nacional dos Bispos dá à catequese e a sua centralidade para a renovação da Igreja:

A iniciativa é resultado da renovada importância que a Igreja do Brasil dá à catequese, tal como ficou expresso no rico processo de elaboração do Diretório Nacional de Catequese¹.

A julgar pelos documentos das dioceses e dos regionais da CNBB o Ano Catequético tem tido repercussão considerável. Quando se indaga nas bases pela situação concreta da catequese o panorama não se mostra tão otimista. Ouvem-se queixas da precariedade da catequese, da falta de catequistas formados, da permanência de uma catequese centrada no catecismo de perguntas e respostas. Como explicar isso após mais de cinquenta anos de renovação catequética que produziu excelentes documentos a respeito?

Em 1959 foi realizado o Primeiro Ano Catequético Nacional, por sugestão do Cardeal Câmara, então presidente da CNBB, que culminou no Congresso Catequético Nacional, realizado em Belo Horizonte, cujo destaque principal foi “a formação integral do catequizando (crianças, adolescentes e adultos, sendo a comunidade o ponto forte de apoio para sua perseveran-

¹ *Catequese, Caminho para o Discipulado: 2009. Ano Catequético Nacional, Texto-Base*, 2ª ed., Brasília, Edições CNBB, 2009.

ça)”. O próprio enunciado da proposta revela o influxo do trabalho pioneiro de Álvaro Negromonte a quem tanto deve não só a catequese, mas em geral a educação no Brasil.

O impulso mais determinante para os caminhos da renovação pós-conciliar da catequese entre nós foi o documento nº 8 de Medellín, consagrado à catequese. Não deixa de ser significativo que as conclusões de Medellín fossem influenciadas pelas intuições do Congresso Internacional de Catequese realizado nessa cidade imediatamente antes do encontro do CELAM. Ponto de destaque do Congresso foi a atenção para um ponto que determinou a partir de então os caminhos da renovação catequética: a *situação* histórica dos destinatários da catequese.

A catequese atual, de acordo com uma Teologia mais adequada da Revelação, reconhece nas situações históricas e nas aspirações autenticamente humanas os primeiros sinais a que se deve atender para descobrir o desígnio de Deus sobre o homem de hoje. Tais situações formam, portanto, parte indispensável do conteúdo da catequese. A descoberta progressiva do sentido total e da orientação definitiva destas aspirações e tensões, tal como se realiza a cada momento do processo histórico, é uma tarefa essencial da missão profética da Igreja².

Medellín é visto pelo exímio historiador Beozo³ como exemplo singular de recepção colegial do Concílio pelas Igrejas da América Latina e do Caribe. Recepção fiel e criativa. Para a catequese significou a exigência de relacionar a mensagem evangélica com a situação profundamente conflituosa de nossos povos.

As intuições de Medellín continuam presentes no Documento *Catequese renovada*, da CNBB (1983) e no *Diretório Nacional de Catequese*, aprovada por unanimidade pelos bispos da 43ª Assembleia Geral em 2005.

Esses documentos manifestam o enorme empenho catequético realizado ao longo dos anos que seguiram ao Concílio e mostram que, não obstante o arrefecimento do entusiasmo defronte à renovação conciliar que configura o panorama atual das Igrejas e apesar da oposição declarada de muitos, permanece acessa em grupos seletos a chama primeira. Isso é um promissor sinal de esperança. Quem se converteu à renovação conciliar por ver nela a volta decidida à boa nova de Jesus, “poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”⁴, não desiste facilmente de um caminho reconhecido como dom do Espírito de Deus, por árido que possa se apresentar o entorno eclesial que o circunda.

² Orientações Gerais da Semana Internacional de Catequese, *SEDOC* 1/5 (1968) 766 s.

³ “Medellín: inspiração e raízes”, *Revista Eclesiástica Brasileira* 58 (1998/nº 232) 823-850.

⁴ Rm 1,16.

Quando se percebe, no entanto, a distância entre o ideal catequético dos documentos e a realidade concreta da catequese surge a necessidade de analisar com cuidado as causas do descompasso. Uma resposta precipitada atribuiria aos caminhos propostos pela renovação a situação precária de muitas comunidades, a evasão de tantos cristãos da Igreja católica, ou até a perda da fé ou a indiferença agnóstica de outros. Da mesma forma que muitos atribuíram ao Concílio Vaticano II a crise religiosa de nossos tempos, quando análises mais acuradas mostrariam outros muitos fatores como origem de uma crise que teria sido muito maior se não tivesse havido a tentativa conciliar de responder à situação do mundo moderno.

As dificuldades que a catequese enfrenta no momento atual provêm de duas frentes. Uma, exterior à Igreja: a transformação vertiginosa do mundo aliada à invasão do campo das consciências pelo avanço também prodigioso dos meios de comunicação. Outra, interior à Igreja, nasce da própria renovação da catequese: quando se toma consciência de que a evangelização envolve o conjunto da vida eclesial e de que consequentemente a catequese deve ser obra de toda a comunidade cristã e não apenas de um grupo de catequistas, a prática catequética torna-se sumamente complexa e exigente⁵. Não é de estranhar que a nostalgia do passado suscite a tentação da volta à simplicidade dos catecismos⁶.

Olhando somente para um dos polos da dificuldade, alguém dirá: falta ao cristão de hoje – pura verdade! – conhecimento de sua fé, deve-se insistir na doutrina. Outros dirão: o que falta é vivência, e relativizarão o aprofundamento doutrinal. Outros ainda porão em primeiro plano a conscientização para o compromisso com a justiça.

Se por *doutrina* se entende *interpretação da vivência e da práxis cristã em linguagem significativa*, ela se torna imprescindível no diálogo evangelizador. *Sem doutrina não pode haver socialização nem historização do querigma*. Na situação de pluralismo cultural de nossos dias, o componente doutrinal do anúncio é mais necessário do que no passado, embora seja muito mais complexo. Como ajudar inúmeras pessoas, submetidas a visões do mundo despedaçadas por situações desumanas e opressivas, a *dizer sua fé* afirmando a morte e ressurreição do Senhor como evento decisivo para a libertação de toda opressão?

Como protegê-las da sedução de uma religiosidade de fuga para um além compensatório das agruras presentes ou, ao contrário, da atração de promessas de fácil prosperidade mundana como recompensa divina às práticas religiosas?

⁵ Retomo para a análise destes dois pontos algumas das reflexões apresentadas em minha obra: *Experiência de Deus e Evangelização*, São Paulo: Loyola, 2009.

⁶ Ver o Editorial de *Perspectiva Teológica* intitulado “A catequese renovada perante o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica”, *PerspTeol* 37 (2005) 309-314.

“Catequese é vivência”, repetia-se insistentemente nos começos da renovação catequética. Meio século depois, temos evidências de sobra para dizer: nada mais frágil que uma vivência que não saiba “dar razão de esperança que está em nós”⁷. A assustadora expansão das Igrejas neopentecostais, fundamentadas na “teologia da prosperidade”, o está mostrando.

Muito pertinentemente o documento-base do Ano Catequético Nacional intitulado “Catequese, caminho para o discipulado”⁸ apresenta a catequese como tarefa de *toda a comunidade*, e não apenas de um grupo de catequistas, tendo como objetivo a *iniciação no discipulado do Senhor*. O Ano Catequético quer suscitar o despertar de todos os cristãos para o aprofundamento e o amadurecimento da fé, vivida no seio de uma comunidade empenhada em irradiar para o mundo a justiça do Evangelho.

Os objetivos específicos mostram a complexidade da proposta e o envolvimento de toda a comunidade:

- 1- Intensificar a formação catequética dos catequistas, dos agentes de pastoral, dos religiosos/as e dos ministros ordenados;
- 2- Incentivar a instituição do Ministério de Catequista;
- 3- Impulsionar o estudo das Sagradas Escrituras;
- 4- Acentuar o Primado da Palavra de Deus na vida da Igreja;
- 5- Cultivar a dimensão litúrgica da catequese;
- 6- Estimular a dimensão catequética nas comunidades na perspectiva da pastoral de conjunto;
- 7- Dar a devida ênfase à catequese com adultos, com jovens e junto às pessoas com deficiência;
- 8- Incentivar na catequese a inspiração catecumenal;
- 9- Estimular a implementação da disciplina Catequética nos cursos de Teologia;
- 10- Intensificar a dimensão missionária da catequese por meio da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo;
- 11- Educar para a vivência de uma fé comprometida com as urgentes mudanças da nossa sociedade, tendo presente o princípio da interação vida/fé;
- 12- Favorecer na catequese a abertura ao outro, à realidade, ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso⁹.

⁷ 1Pd 3,15.

⁸ CNBB, *Catequese, Caminho para o Discipulado: 2009. Ano Catequético Nacional*, Texto-Base, 2ª ed., Brasília, Edições CNBB, 2009.

⁹ CNBB, *Catequese, Caminho para o Discipulado*, p. 11.

Visualiza-se facilmente a partir dos objetivos a centralidade da catequese na missão da Igreja. *Renovação da catequese implica renovação da Igreja* e dela depende. Pode-se compreender nessa perspectiva o porquê da distância entre documentos e realidade concreta sem cair no desânimo. A renovação da catequese é um desafio à conversão e à criatividade das comunidades. Exigirá empenho contínuo de reflexão e de comprometimento com o Evangelho de olhos abertos à realidade do mundo com suas vertiginosas transformações. Não existem fórmulas mágicas.

O presente artigo não pode ter a pretensão de mostrar os caminhos a trilhar para que os objetivos propostos pelo *Ano Catequético* possam ser alcançados. Esses caminhos, necessariamente longos e arriscados, exigirão criatividade perante as variadas e cambiantes circunstâncias em que hoje acontece a tradição da fé e só poderão nascer da prática concreta das comunidades. O objetivo do artigo é bem mais modesto: refletir sobre *dois pontos* que deverão estar presentes ao longo de todo o caminho da renovação da catequese que queira, não apenas colher frutos imediatos, mas abrir trilhas que preparem um futuro esperançoso para o crescimento da fé das novas gerações.

O primeiro ponto diz respeito ao destinatário da catequese: à *situação*, sumamente complexa e diferenciada, *do homem e da mulher de hoje de frente ao evangelho de Jesus Cristo*. E aqui cabe destacar a situação das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Desde faz anos repete-se com insistência que a catequese deve olhar preferentemente para o adulto, sobretudo no sentido de que o objetivo da formação do cristão *adulto na fé* deve estar presente em todas as fases da catequese. Mas isso não dispensa a urgência de uma atenção muito especial para os adolescentes e os jovens das nossas comunidades. Torna-se cada vez mais alarmante o temor de que nossas Igrejas caminhem para a situação de algumas assembleias litúrgicas do Velho Mundo carentes quase totalmente de crianças, de adolescentes e de jovens. Donde então surgirão as futuras comunidades de adultos?

O segundo ponto quer conduzir o olhar do leitor para a figura da evangelização e da catequese transmitida nas fontes reveladas: a catequese concebida não apenas como transmissão de uma doutrina ou de uma mensagem, mas como caminho – propedêutica – para a *experiência de Deus no encontro com Jesus Cristo*. A catequese não atingirá seu objetivo se cada destinatário da catequese não chegar a reconhecer na figura de Jesus Cristo transmitida pela comunidade evangelizadora uma Palavra a ele dirigida por Deus, na singularidade de sua vida.

Esses dois pontos estão pressupostos nos objetivos do Ano Catequético. Óbvios, dirá alguém, mas, por óbvios, nem sempre suficientemente refletidos e não raramente responsáveis pelo fracasso do anúncio do Evangelho de Cristo, o escandaloso Evangelho da cruz. Não estará na falta de atenção

devida a esses pressupostos da evangelização a principal causa da diáspora de tantos cristãos para a religiosidade oferecida pelas teologias da prosperidade? E quem ousará afirmar que a ideologia da prosperidade não tenha contaminado algumas práticas evangelizadoras das Igrejas cristãs históricas?

Destinatários da catequese

Muito se tem escrito, dos anos conciliares para cá, a respeito da repercussão das *transformações do mundo* na transmissão dos valores religiosos e de suas consequências para a evangelização. A Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM), realizada em Medellín, em 1968, afirmava com ênfase: “A América Latina está evidentemente sob o signo da transformação”. Ou ainda, “estamos no umbral de uma nova época da história de nosso continente” caracterizada como “plena de um desejo de emancipação total, de libertação de qualquer servidão, de maturidade pessoal e de integração coletiva”. A importância dada pelos Bispos reunidos em Medellín a esse aspecto da situação do povo latino-americano transparece no mesmo título do documento introdutório: “Presença da Igreja na atual transformação da América Latina”¹⁰.

Convém recordar algumas das reflexões originadas naqueles anos a respeito do impacto das transformações culturais na transmissão da fé. Elas nos ajudam a compreender a situação presente, mais desconcertante.

A rapidez das transformações sociais, originadas por migrações maciças do campo para as grandes metrópoles, começou a gerar situações dramáticas de subdesenvolvimento lado a lado de adiantados complexos industriais administrados por poderosas empresas multinacionais. Prenunciavam-se grandes *desequilíbrios na evolução sócio-cultural do povo*. Após cinquenta anos, o assustador crescimento da violência, procedente em grande parte dos gigantescos cinturões de favelas que circundam os grandes centros urbanos, confirma a lucidez profética dos que tentaram então chamar a atenção para a urgência de procurar soluções humanas para as consequências sociais do processo migratório¹¹.

O choque cultural produzido pela passagem brusca de uma sociedade rural, e cristã por tradição, para a cultura urbana obrigava a rever em profundidade os processos da evangelização. A passagem brusca do pacífico estilo de vida rural para a luta pela sobrevivência nos grandes conglo-

¹⁰ *Conclusões de Medellín*, Introdução às conclusões, nn. 2 e 4.

¹¹ Merece ser lembrado o trabalho pioneiro de Dom Hélder Câmara nos anos em que foi bispo auxiliar do Rio de Janeiro.

merados urbanos afetou profundamente o processo de educação da fé cristã. O “desarraigamento” e a consequente “marginalidade” de inúmeras pessoas foi um dos seus efeitos. De um dia para outro, elas foram arrancadas da sociedade tradicional, fechada e unânime, e se encontraram perdidas na complexa sociedade da grande urbe, entregues ao capricho da influência avassaladora dos meios de comunicação. A televisão substituiu o catecismo e a tradição dos valores culturais.

Na sociedade tradicional tudo era transmitido diretamente de pais a filhos, desde a maneira de executar o trabalho até a concepção do mundo com sua escala de valores, especialmente os valores religiosos. O papel que cada pessoa devia desempenhar na sociedade estava bem determinado.

Na grande urbe ninguém *ensinava* ao recém-chegado do campo como funcionam os complexos mecanismos que regem o novo tipo de sociedade que contemplam seus olhos. Havia que aprender depressa a necessidade de se virar para arranjar trabalho, de submeter-se às exigências do empregador e às leis da concorrência e do consumo. A luta pela sobrevivência invadia rapidamente o campo da consciência, causando sensação, não poucas vezes trágica, de insegurança.

Qual é a repercussão de tudo isso na vivência religiosa? Na sociedade tradicional, fechada e uniforme, os valores religiosos eram transmitidos pelo mesmo processo de *socialização cultural* ¹². Cabia à família – principalmente à mãe – o papel preponderante na transmissão das noções e atitudes religiosas do catolicismo: existência do Deus onipresente que protege, mas que também castiga as faltas, a história de Jesus, a vida após a morte, o mandamento do amor, a proteção de Maria, mãe que sempre atende, e dos santos, amigos e protetores dos seus “devotos”. Aprendia-se a ganhar a benevolência deles com promessas ou peregrinações aos santuários.

Tais noções impregnavam a cultura do povo, faziam parte do seu vocabulário, acompanhavam a aprendizagem da língua. Podiam estar mais ou menos deturpadas e misturadas com crenças e superstições alheias ao cristianismo, mas ofereciam um chão firme em que se podia caminhar com segurança.

A família acentuava os aspectos da religião referentes ao bom comportamento dos filhos para com os pais e os irmãos, deixando na sombra importantes aspectos da dimensão eclesial do cristianismo, favorecendo uma visão privatizada do cristianismo.

¹² Cf. P.A. RIBEIRO DE OLIVEIRA, *Catequese e socialização da fé*, Rio de Janeiro: CERIS/CNBB, 1974.

A transmissão dos valores cristãos estava garantida na sociedade tradicional. Os agentes da catequese se encarregavam – nem sempre com muito sucesso por não encontrarem o reforço familiar a não ser nos aspectos mencionados – de iniciar as crianças na vida sacramental: confissão e primeira comunhão. Na falta de ministros melhor preparados, a tarefa era encomendada a catequistas que transmitiam como porta-vozes do vigário as noções básicas do cristianismo visando principalmente a recepção dos sacramentos¹³.

Na situação criada pela ruptura da unidade cultural dos ambientes fechados, tornava-se evidente a necessidade de *repensar o processo da evangelização*. Na nova situação – com mais urgência do que no passado – é preciso apresentar o Evangelho de maneira que apareça como “boa notícia” dirigida por Deus a cada um e exigindo uma resposta pessoal. Cada indivíduo deve reconhecer, no interior da própria existência, o chamado do Deus salvador que o chama para a conversão ao Evangelho de Jesus.

Dirijamos o olhar aos jovens e às crianças que hoje frequentam a catequese. Muitos deles nasceram e cresceram no ambiente da sociedade urbana, até o ponto de desconhecerem totalmente o modo de vida rural. Sofrem, porém, as consequências dos conflitos mal resolvidos pela geração que os precedeu. O que ficou da religiosidade tradicional dos pais ou dos avôs chega às novas gerações enfraquecido e desfigurado na inevitável hermenêutica das crenças religiosas no ambiente envolvente da ideologia do consumo.

Há, sem dúvida, os que encontraram no seio da família os caminhos para um crescimento harmonioso na fé, com ajuda de comunidades empenhadas na renovação conciliar e graças ao inegável empenho evangelizador de muitas dioceses nos últimos anos. Mas o elo de não poucos com a fé tradicional só se dá mediante os avôs e as avós. Os pais já foram configurados pelo modo de vida urbana. Muitos pais (não todos) continuam batizando os filhos, mas não têm muito tempo para as práticas regulares da vida cristã. Levam as crianças à catequese. Às vezes até as obrigam a ir, como as obrigam a frequentar a escola, visando sobretudo a “primeira comunhão”.

Não são raros os casos em que a mãe na manhã do sábado deixa a criança na catequese e na saída quem vem buscá-la é o pai com quem ela convive somente no fim de semana. Como contar com a família para a socialização da fé? Os catequistas insistem em fazer reuniões com os pais, mas o número dos que participam é bem desproporcional ao número dos que frequentam a catequese.

¹³ *Ibid.*, pp. 34-41.

Surpreende a desproporção entre o número de crianças e adolescentes que frequentam a catequese e o número dos que estão presentes à celebração da eucaristia. Como fazer da catequese iniciação ao discipulado inspirada no caminho catecumenal?

A experiência mostra que as crianças que perseveram são as que desde a mais tenra idade são iniciadas na celebração dominical da eucaristia junto com os pais, as avós ou os avôs. Admitidas muito cedo à comunhão, quando elas o solicitam, independentemente da idade ou do tempo da catequese, perseveram nas celebrações da comunidade e inclusive realizam vários ministérios.

Outras, que ficam vários anos na catequese sem participar das celebrações da comunidade, e por volta dos doze ou treze anos são apresentadas pelos catequistas para a comunhão, não raramente desaparecem da igreja logo depois, da mesma forma que se abandona a Escola após a formatura. A ideia de retardar a comunhão, pensando com esse artifício ter mais tempo para ensinar a doutrina cristã, nasce do equívoco de assimilar a doutrina cristã ao ensino de uma ciência. Ignora-se que não há verdadeira assimilação da doutrina cristã que não seja expressão pessoal da própria fé: do caminhar com a comunidade no seguimento de Jesus. O documento-base do Ano Catequético o afirma de diversas formas inspirando-se na narrativa do caminho dos discípulos de Emaús com o Ressuscitado.

O caminhar com Jesus era feito com naturalidade quando se nascia cristão e se vivia numa sociedade que não questionava os princípios cristãos, embora mesmo nessas circunstâncias não pudesse ser dispensada uma pedagogia que conduzisse à adesão pessoal ao Cristo, sempre ameaçada pela sedução do mal.

O catecumenato antigo, que inspirou o ritual do catecumenato atual, pode inspirar caminhos conducentes à adesão à fé cristã quando esta já não é sustentada pelo entorno social.

Comunidade eclesial e socialização da fé

Catequese de iniciação à vida cristã significa que o catecúmeno, batizado ou candidato ao batismo, deve aprender a formular sua fé como expressão da vida em que está sendo iniciado. Isso muda profundamente o estilo da catequese. Não basta repetir fórmulas ou fazer decorar um catecismo. Slogans como “só Jesus salva” ou “Jesus morreu para nos salvar” pouco ou nada dizem fora do contexto em que nasceram. Podem até se tornar obstáculo para a compreensão do verdadeiro desígnio salvador de Deus. As épocas da possibilidade de uma linguagem uniforme da fé – se é que alguma vez deveras existiram – provavelmente passaram definitivamente.

Mas por outro lado surgem perguntas inquietantes: é possível um processo educativo para uma linguagem pessoal e diversificada da fé sem que o cristianismo se converta em religião de uns poucos iniciados? Como conciliar pluralidade e unidade na expressão da fé? Qual é a função do testemunho da “tradição” no processo evangelizador?

Como pode acontecer a adesão pessoal uma vez perdidos os modos tradicionais de socialização da fé? A transmissão da vivência da fé pressupõe *encarnação em estruturas sociais e comunitárias*. Uma fé verdadeira manifesta-se necessariamente em instituições ou estruturas sociais. A sociabilidade é dimensão essencial do ser humano. No mundo configurado pela cristandade a fé podia se encarnar em estruturas que – por terem nascido sob a tutela da Igreja numa visão uniforme da cultura – pareciam ser congênicas às estruturas sociais do mundo. A transmissão da fé podia se apoiar no processo de *socialização cultural*.

A encarnação do cristianismo nas instituições culturais do mundo moderno é problema complexo. Limitamo-nos aqui aos aspectos da questão relacionados com a *socialização da fé*, entendida como a repercussão da fé professada na vivência comunitária dos crentes, decisiva para a transmissão do cristianismo, ou dito de maneira muito simples, a tradução da fé num estilo de vida. Nas novas situações de desintegração cultural as instituições tradicionais da Igreja não podem contar com o processo de socialização cultural como um dos meios de transmissão da fé, o mais importante talvez em certa época da história de nosso povo. A instituição paroquial e a organização ministerial, na configuração herdada da cristandade, manifestam-se inadequadas para enfrentar os processos de transmissão da mensagem exigidos pela nova situação sociocultural.

A multiplicação de pequenas comunidades e de grupos e movimentos de todo tipo foi a resposta encontrada pelo empenho evangelizador suscitado pela renovação conciliar. Era a forma encontrada para responder aos desafios apresentados a uma ação evangelizadora que quisesse suscitar e alimentar uma fé verdadeiramente pessoal e significativa para a vida. Numa sociedade em que predomina o relacionamento meramente funcional, só em ambientes que permitam relações pessoais podem se estabelecer as condições dialogais necessárias para a expressão pessoal da fé. Estava surgindo uma nova forma de viver a fé que postulava novas formas de estruturação da Igreja. Eis a conclusão a que chegava P. A. Ribeiro de Oliveira a partir dos resultados da pesquisa sobre Catequese e Socialização da fé:

A renovação catequética leva à produção de um novo tipo de católico que não tem ainda lugar previsto na organização existente da Igreja. Aqui se coloca uma dualidade de caminhos: 1) a renovação catequética será alterada, adaptando-se à organização da Igreja e formando os leigos de que ela necessita para permanecer existindo, ou 2) a organização da Igreja será

alterada para dar lugar ao novo tipo de católico que a renovação catequética irá produzir¹⁴.

Após mais de trinta anos do dilema aí apresentado, verifica-se que a dualidade dos caminhos permanece e divide os cristãos e as práticas evangelizadoras. As resistências à renovação conciliar de certos grupos eclesiais, o surgimento de movimentos conservadores, a tentativa da volta aos catecismos, caminham na direção da primeira alternativa. Poderá se esperar que a persistência em levar adiante a renovação conciliar da catequese que se reflete nos documentos da CNBB chegue a alterar a organização ministerial da Igreja? Não haverá aí uma chave para explicar a distância a que aludíamos entre a figura ideal da catequese dos documentos e as práticas concretas?

As comunidades eclesiais de base configuravam uma nova forma de ser Igreja exigida pela necessidade de propiciar caminhos para a adesão à mensagem evangélica que já não é sustentada pelo ambiente social. Apresentavam-se como gênese de nova configuração eclesial para uma evangelização que fosse boa notícia para os pobres seguindo os passos de Jesus. Não se expandiram quanto se esperava. Em parte pelos temores e resistências que toda exigência de conversão suscita, em parte e talvez principalmente, porque essa nova estruturação da Igreja *exigia mudanças na configuração ministerial*.

A opção pelos pobres que inspirava as comunidades eclesiais de base sustentava. A vontade decidida de fazer chegar a Igreja aos lugares onde os pobres vivem, sofrem e morrem exigia uma mudança na configuração dos ministérios.

O Sínodo dos Bispos de 1971, que tratou da justiça no mundo e do ministério presbiteral, discutiu a oportunidade de *ordenar fiéis casados de provada fé e virtude*. A metade da assembleia era favorável à medida. Deixada a decisão a Paulo VI, ele achou prudente esperar que se criasse um consenso na Igreja. Esperava-se que com o decorrer da renovação conciliar isso aconteceria. É tão óbvio que sem uma mudança ministerial não se poderá responder aos desafios que a evangelização apresenta na configuração atual do mundo! E que dizer, quando se pensa no crescimento da população mundial nos próximos decênios, sobretudo nas regiões mais pobres? A proposta do Sínodo de 1971 continua exigindo atenção urgente. Inúmeras comunidades não podem celebrar a eucaristia regularmente por falta de ministros.

O crescimento das comunidades eclesiais de base como *lugar preferencial para a socialização da fé* teria exigido a *modificação ministerial da Igreja*. Sem isso elas não têm como crescer. Muitas resistem e continuam sendo um chamado divino à sensibilidade adormecida dos cristãos para a urgên-

¹⁴ *Ibid.*, p. 86.

cia de repensar as práticas catequéticas. Assusta nas novas gerações de presbíteros¹⁵ a volta ao estilo da paróquia antiga, com tímidas adaptações. Enquanto isso acontece, se multiplicam vertiginosamente as capelas evangélicas com improvisada multiplicação de pastores.

A pequena comunidade tem papel semelhante ao do antigo catecumenato. Nela pode se realizar o diálogo – verdadeira interação de consciências – entre o cristão adulto na fé e aqueles que precisam ser ajudados no caminho da fé. Somente na autêntica interação dialogal de consciências que respeita incondicionalmente a visão do mundo de cada um dos interlocutores abre-se espaço para que possa surgir, como evento de salvação, a Palavra viva de Deus, que não estando ligada a nenhuma determinada interpretação da realidade julga todas elas.

As comunidades ou grupos informais colocam à Igreja a questão da diversificação dos ministérios e do livre exercício do carisma de cada um dos fiéis. Evidentemente o primeiro desses ministérios é o da presidência da eucaristia, que não se identificaria com o atual ministério dos presbíteros. Mas outros ministérios, serviços e especializações são exigidos pelo novo processo de educação para a fé. Se o catecumenato antigo é inspirador, não pode ser, no entanto, simplesmente copiado.

Haveria que pensar em ministérios no interior de cada comunidade e ministérios intercomunitários. O diálogo da fé transcende os limites da pequena comunidade envolvendo o diálogo constante com a totalidade da tradição da fé na Igreja. Um exemplo: A palavra bíblica tem função própria e insubstituível, como palavra normativa da fé. Cada fiel tem o dever e o direito de entrar em contato com o testemunho bíblico da palavra de Deus e escutar a Palavra no hoje da própria vida. Ora, isso postula alguém com o ministério e o carisma de ajudar na interpretação da palavra bíblica aqueles que presidem ordinariamente às comunidades. A multiplicação de cursos de teologia e de Bíblia em diversos níveis e o interesse pela participação crescente neles de leigos não mostraria que os tempos estão maduros para dar passos mais relevantes na diversificação dos ministérios?

Mas está na hora de passar para o centro da questão: *Como reconhecer uma palavra divina na prática catequética?* E como ajudar o cristão a distinguir a palavra divina de interpretações das ilusórias promessas do ídolo? Ou não procede do ídolo do consumo a esperança de alcançar a prosperidade pela simples invocação de Jesus ou, pior ainda, como resposta divina proporcional às oferendas dos fiéis?

¹⁵ No documento de trabalho para a preparação do 13º Encontro Nacional de Presbíteros: *ENPs, 25 anos celebrando e fortalecendo a comunhão presbiteral*, Brasília: Edições CNBB, 2009, podem se ver excelentes análises da evolução da situação dos presbíteros, cf. espec. p. 25.

Prática catequética e Palavra de Deus

Onde encontrar critérios de discernimento para a experiência do Deus verdadeiro? O cristão sabe que o critério lhe é dado pelo próprio Deus: Jesus Cristo que chega a nós mediante a figura transmitida pela Igreja. Sabe também que todos têm o dever e o direito de chegar a uma adesão pessoal, ou seja, a um reconhecimento, no íntimo da consciência, do próprio Deus dirigindo-se a cada ouvinte da Palavra. A catequese existe por isso. Acolher como divina uma palavra simplesmente por estar na Bíblia, ou porque o padre ou o pastor o afirmam não conduz à fé. E mais, se alguém não chegar a reconhecer uma palavra como provinda do próprio Deus, não deve obedecer. Seria idolatria e ao mesmo tempo abdicação da racionalidade humana.

Poderia alguém pensar que então a fé só pode ser professada pelos doutores em teologia. De maneira alguma. A catequese, quando inserida no conjunto da ação evangelizadora constituída por toda a vida da Igreja, deve conduzir a uma experiência de Deus, consciente de sua racionalidade, no mesmo ato do reconhecimento do anúncio do Evangelho como evento atual da Palavra de Deus. A afirmação vale para o intelectual como para o povo mais simples. É claro que os caminhos da catequese deverão ser diferenciados em um e em outro caso. Em ambos, porém, se exigirá reflexão e preparação acurada por parte de toda a comunidade evangelizadora.

Os desígnios divinos da salvação são dignos de admiração. O cristianismo, embora deva carregar nas mãos e no coração o testemunho bíblico da Palavra, não é essencialmente religião do livro, ou dos livros, posto que são muitos os livros da Bíblia, mas de Jesus Cristo. Jesus, como gostavam de falar os Pais, é o *Verbum abbreviatum*: o resumo não só das palavras contidas na Bíblia, mas da Palavra divina que desde as origens é dirigida a todo ser humano. Numa vida humana, histórica e geograficamente situada como toda outra, a Palavra eterna se diz em linguagem ao alcance dos pequenos e dos pobres, sendo também capaz de iluminar os mais altos pensamentos dos filósofos.

Eis a pergunta que, de uma ou outra forma, deverá estar presente na mente de toda pessoa que queira ajudar os irmãos no caminho da fé cristã: como pode ser reconhecida a *figura de Jesus Cristo* transmitida na evangelização como presença do Deus vivo, nas diversas situações históricas em que se desenvolve a existência humana?

O encontro com a pessoa de Jesus Cristo como todo encontro entre pessoas se realiza mediante uma *figura*. Designamos com esse termo o conjunto de predicados pessoais que se apresentam ao espírito numa unidade de visão *reveladora do mistério da pessoa*. O mistério escondido da pessoa não é imediatamente acessível. Manifesta-se na figura visível na medida em que

a pessoa faz mercê de comunicar-se por gestos e palavras. Os escritos do Novo Testamento transmitem a *figura de Jesus conforme a visão dos apóstolos* que receberam a graça do convívio revelador de sua pessoa. Essa figura é *normativa para a fé*. Uma vez que a hermenêutica dessa figura estará sempre condicionada por elementos culturais que a configuram de diversas formas, podendo até deturpá-la, a volta constante aos escritos apostólicos é recurso imprescindível para que o encontro pessoal com Jesus possa crescer em verdade.

Experiência cristã de Deus

Deve-se começar perguntando que significa experiência de Deus. Dizer *experiência* de Deus equivale a dizer *consciência* da presença do Mistério transcendente que dá sentido à aventura do ser no mundo do homem e da mulher. Para o cristão a consciência da presença do Mistério procede da fé: concretamente da memória, realizada na comunidade eclesial, dos atos e das palavras de Jesus, da sua morte e ressurreição. De um lado, homem e mulher, desde a infância, se percebem capazes de transcender indefinidamente com o pensar e o querer qualquer realidade finita, e de outro, se sentem radicalmente limitados e carentes perante os desafios da realidade. Especialmente diante da ameaça da morte, que mostrará seu rosto inexorável no fim da jornada mesmo quando tenha sido driblada inúmeras vezes.

A experiência de Deus deve ser pensada como *consciência de uma Presença radicalmente transcendente que penetra toda outra presença particular, dando-lhe o sentido último*, ou seja, como *Presença onipresente*. A experiência de Deus, na atual condição humana, é sempre *mediada pela experiência dos outros e do mundo*. Para ser verdadeira experiência de Deus não pode se identificar com a experiência particular de nenhuma das criaturas que a medeiam. Ela transcende qualquer experiência das realidades do mundo.

Perante a figura humana de Jesus Cristo, porém, a consciência se encontra em face de um evento singular que se apresenta ao pensamento e à vontade como *mediação* da experiência de Deus, sem impedir a *imediatez* da Presença divina à consciência¹⁶. Jesus Cristo se revela como *evento humano-divino* que, de um lado, recapitula a totalidade da experiência humana do Sentido e se apresenta, de outro, como a *parusia* ou presença de Deus na história e no mundo.

¹⁶ Sobre a singularidade da mediação de Jesus Cristo em relação à experiência de Deus, cf. K. RAHNER / W. THÜSING, *Cristología. Estudio teológico y exegético*, Madrid: Cristiandad, 1975, pp. 148-167.

Em Jesus Cristo, Deus se revela no mesmo ato de esconder-se sob o véu da figura humana. *A Deus ninguém o viu jamais* e, no entanto, *o Filho único, Deus que está no seio do Pai o explicou*¹⁷, afirma o evangelho de João. Conhecer Jesus é conhecer Deus, e ver Jesus é ver Deus, porque o Pai e Jesus são um só Deus¹⁸. A fé cristã proclama na liturgia que na “carne mortal de Jesus” é contemplado “o brilho da glória divina”¹⁹. A figura visível de Jesus não apenas reenvia ao Mistério escondido de Deus: é *manifestação e presença* do Mistério do Amor infinito.

O Mistério santo, radicalmente inacessível, se torna visível em Jesus, que é a encarnação da sua Palavra, “resplendor de sua glória e figura do seu ser”²⁰. Em Jesus, Deus dá testemunho de si mesmo. Testemunho de um amor que, permanecendo o abismo sem fundo e sem margens do ser divino, se manifesta como amor envolvido na aventura humana. Amor exposto, na fragilidade de um amor humano, a todas as violações do amor na história dos homens.

A um primeiro olhar isso apareceria como antípoda do que o pensamento, deixado a si mesmo, imaginaria do Ser capaz de dar sentido a toda realidade e vencer as contradições da existência humana. Mas é precisamente isso o que a fé cristã afirma como Revelação definitiva de Deus. Revelação última que, no entanto, não anula outras formas da presença da Palavra divina na história, embora o cristão deva pensá-las em relação com a encarnação da Palavra em Jesus.

O pensamento abstrato do filósofo não será capaz de compreender o paradoxo cristão. Somente quem estiver empenhado na luta contra as causas do sofrimento será capaz de decifrar, iluminado pela luz da Revelação, a sabedoria do querigma da cruz, com a qual Deus julga a sabedoria da razão autossuficiente²¹.

Diante dessa figura se revela o *sentido último da responsabilidade absoluta da liberdade humana* no seio de uma história em que o mal está presente como *violação positiva do Sentido* e não apenas como deficiência do ser procedente da sua finitude.

Na figura humana de Jesus Cristo, *Deus assume a dramaticidade e a opacidade da experiência histórica* do homem e da mulher em busca do sentido desde a mais tenra infância. A revelação de Deus como Sentido radical da história se realiza no interior de um *processo divino-humano* de

¹⁷ Jo 1,18.

¹⁸ Ver Jo 14,7-9 e Jo 10,30.

¹⁹ Cf. Prefácio da missa do Natal.

²⁰ Hb 1,3.

²¹ Cf. 1Cor 1,18-25.

restauração do sentido. Em linguagem da teologia clássica: A revelação de Deus ao mundo é a redenção do mundo. Deus se revela no processo da libertação da humanidade por seu Filho Jesus Cristo que ao fazer dos mortais o seu corpo, os envolve no processo libertador. A libertação divina do ser humano na história deixa nas mãos humanas a responsabilidade pela história, ao fazer do trabalho das mãos humanas ação das mãos do seu Filho.

Compreende-se, à luz da fé, o porquê da cruz do Cristo. Ao manifestar-se sob a fragilidade do amor, o Sentido fica exposto a ser violentado por ideologias que se apresentam sob a máscara do sentido. A luz se torna passível de ser ofuscada pelas trevas. A revelação suprema da glória de Deus tem lugar paradoxalmente na figura ignominiosa da cruz. Na densidade opaca das trevas do mundo, aparece em plena luz que Deus é a *Liberdade suprema do Amor fonte da liberdade criada*.

A catequese deve mostrar isso. Fórmulas simplistas como “Deus morreu por nossos pecados” não esclarecem ao homem e à mulher de hoje a pergunta pelo sentido da morte de Jesus. Muito menos à criança. Para falar das causas da morte de Cristo não basta falar do desígnio divino. É preciso conjugar a vontade divina com o jogo das liberdades humanas. Nenhuma especulação teórica seria capaz de iluminar o complexo problema do relacionamento da transcendência e da imanência de Deus na história ou da liberdade humana com a Liberdade absoluta de Deus com tanta clareza como o faz o *querigma da cruz*.

Mas precisamente pelo fato de o sentido se revelar no mesmo processo divino de restauração do sentido, a força reveladora do querigma da cruz só se manifesta a quem *acolhe* o projeto divino de libertação da história que envolve a responsabilidade humana. A luz do crucificado só resplandece aos olhos do discípulo que se engaja no seu *seguimento*. O rosto *transfigurado* do crucificado só se manifesta aos que o seguem no caminho da cruz.

Quando a reflexão teológica afirma que o *compromisso com a libertação do oprimido* é condição necessária para contemplar, sem deformações, o rosto de Deus que se revela em Jesus Cristo, não faz mais do que redescobrir um princípio central de hermenêutica bíblica fundamentado na própria figura da Revelação.

As diatribes de Jesus aos fariseus põem em evidência quão difícil é “ver” a revelação de Deus na história para quem se escuda por trás de ideias de Deus forjadas para justificar as relações sociais de dominação dos pequenos por parte dos poderosos.

Os discípulos *começam a compreender* quando se decidem a *seguir* o Mestre. Sua fé entra em conflito quando se vislumbra no caminho do se-

guimento a sombra da cruz. Somente após a morte na cruz, quando o Senhor ressuscitado faz dos seus seguidores “o seu corpo”, lhes é revelado que conviveram com o Mistério divino em Jesus. Habitados por esse Mistério, os discípulos reconhecem e anunciam ao mundo que o crucificado continua pelo ministério deles o seu Caminho libertador na conflitante história dos humanos.

Profundamente reveladora é a afirmação de Marcos de que um pagão, o soldado que vigiava ao pé da cruz, reconheceu o crucificado como o Filho de Deus, “ao ver como Jesus morrerá”. Em contrapartida, os fariseus e sacerdotes que exigiam da vítima que descesse da cruz para poderem “ver e crer”, permaneceram na incredulidade. A cena tem, no conjunto da narrativa evangélica, denso simbolismo: somente após ter percorrido a trajetória completa do caminhar de Jesus até a morte o ouvinte do Evangelho poderá confessar que Jesus é o Filho de Deus.

Vê-se por aí a complexidade da renovação catequética proposta como *formação para o discipulado*. A complexidade aparece já desde o primeiro momento da iniciação cristã das crianças. Catequistas experimentados advertem com sabedoria que não se deve apresentar às crianças uma imagem infantil de Jesus que depois deva ser totalmente abandonada. Ao mostrar simbolicamente as chagas o Senhor ressuscitado nos diz que é na história trágica de sua vida mortal que se revela o seu rosto. “Não era necessário que o Cristo (o Messias ou Ungido para a libertação de Israel) sofresse tudo isso para entrar em sua glória?”²² Falar de Jesus às crianças exigirá habilidade pedagógica e, sobretudo, atenção ao que elas dizem, ou diriam, aos adultos se as deixássemos falar. Mas falaremos sempre dentro da verdade da vida de Jesus.

Basta imaginar como a mãealaria a uma criança órfã de pai assassinado nas câmaras de gás da loucura nazista e comparar com o modo de falar de Jesus de certos catecismos para crianças, para compreender a facilidade com que muitos abandonam a fé como crenças infantis.

A figura de Cristo revela a estrutura de toda experiência de Deus

Em Jesus Cristo se revela a estrutura de toda experiência de Deus, mesmo quando tiver lugar fora da revelação cristã. João coloca o fundamento teológico disso ao afirmar que Jesus é a encarnação da Palavra mediante a qual tudo foi criado por Deus, presença, na carne, da luz que sempre

²² Lc 24,26.

brilhou no meio das trevas em todas as fases da história, vista toda ela como história da salvação²³.

A experiência de Deus é necessariamente *resposta* à Palavra que a Bíblia mostra em diálogo com os humanos desde os alvares da criação. Não é preciso recorrer a uma revelação positiva primitiva e a uma explicação “tradicionalista” de sua transmissão, que não encontraria fundamento no Livro sagrado. Basta reconhecer, com a mais autêntica tradição teológica, que *o princípio da revelação radica no princípio da criação*, que a graça supõe a natureza, que a Palavra de Deus não se pode opor à apreensão do ser, nem dela prescindir. Em suma, reconhecer a livre ordenação divina da criação à revelação.

Não que a natureza fundamente, ou exija a Palavra. A Palavra torna possível que o caminho da razão possa ser uma via para o *reconhecimento* da Palavra divina ao se perguntar, no interior da fé, pelo sentido do ser na livre relação dialogal das consciências. Desde as origens a Palavra vem ao encontro do homem e da mulher como fundamento e Sentido último do mundo e da história, do ser e do devir.

A pretensão de ouvir uma palavra divina no decorrer da existência humana é comum às grandes religiões. As mais autênticas experiências religiosas se expressam com as categorias do encontro pessoal mesmo quando o façam na linguagem do mito²⁴ ou estejam misturadas com elementos espúrios. Isso confirma a afirmação joânica da vinda ao mundo da Palavra eterna em todas as fases da história da salvação e da possibilidade de a luz ser ofuscada pelas trevas quando as relações pessoais se pervertem.

Nesse sentido pode-se falar de “revelação primitiva” ou primordial, enraizada na *livre ordenação divina da criação à revelação em Jesus*. A Bíblia fala da criação como o primeiro dos eventos fundadores da história da salvação, em termos de vitória cósmica do poder de Javé sobre o caos, penhor e prefiguração do seu triunfo sobre o poder do pecado na história.

Em Cristo se revela a verdade última da estrutura de toda experiência de Deus. Todo conhecimento de Deus se manifesta como *encontro com Deus na história*. A estrutura histórica e dialogal da experiência religiosa inclui

²³ A afirmação da história universal como história de salvação foi também um princípio catequético salientado pela Semana Internacional de Catequese e depois pelo documento do Celam em Medellín, aparecendo a muitos como novidade e suscitando não poucas discussões.

²⁴ A linguagem do mito não deve ser facilmente depreciada. O mito, considerado anteriormente a sua deturpação em explicação pseudocientífica da realidade ou em crença alienada, é linguagem originária da expressão do Sentido. Cf. A. VERGOTE, “Mythe, croyance aliénée et foi théologique”, in E. CASTELLI (org.), *Mythe et foi*, Paris: Aubier, 1966, pp. 171-194.

a relação com a natureza, porque o encontro das consciências e das liberdades que constitui a história tem lugar no esforço comum pela transformação da natureza, mediante o trabalho, para colocá-la a serviço de todos.

Que em outras religiões se possa fazer verdadeira experiência de Deus²⁵ deve ser mostrado na catequese que pretenda conduzir à experiência de Deus em Jesus Cristo. Um Deus que deixasse fora da salvação bilhões de pessoas pelo fato de não terem tido a oportunidade de conhecer a revelação cristã não seria Deus, o verdadeiro e único Deus. Hoje o cristianismo deve falar a pessoas que têm consciência planetária. Vemos até onde chegam as consequências da afirmação de Medellín de que a situação faz parte do conteúdo da catequese.

Evocação da figura de Jesus Cristo

Pelo fato de a revelação divina acontecer na história, marcada pela violação positiva do sentido que se opõe à luz que ilumina todo homem e toda mulher que vêm a este mundo, as dificuldades para o seu reconhecimento não se colocam apenas no campo da especulação abstrata: envolvem toda a existência humana atingindo os níveis mais profundos da *psique* e permeando o conjunto das relações sociais. A sabedoria divina vem responder ao caráter complexo da experiência de Deus ao revelar-se numa figura humana, plenamente inserida na trama, não isenta de ambiguidades, da história.

A evocação da figura de Cristo não pode nascer de um discurso de tipo metafísico, nem de uma argumentação de caráter ético-político, embora tais dimensões da existência estejam envolvidas na interpretação dessa figura. Na contemplação de uma figura humana entra em jogo, além da razão teórica e da razão prática, a razão estética. A metafísica clássica já apontava para isso ao definir o *verum*, o *bonum* e o *pulchrum* como atributos transcendentais do ser. Na contemplação estética da *figura* eles se apresentam de maneira unificada à consciência. O esplendor que irradia da figura liberta do formalismo o discurso sobre a verdade e do utilitarismo e do hedonismo a tendência para o bem, nota acertadamente H. U. von Balthasar²⁶.

Na *contemplação da figura humano-divina de Jesus Cristo*, que só pode ter lugar no seio da relação interpessoal, Deus se manifesta como Plenitude da verdade e do bem, ao revelar-se como Amor infinito que abraça a pessoa que contempla a figura. Torna-se possível a apreensão da verdade

²⁵ Para ver como o Deus verdadeiro pode revelar-se nas religiões da humanidade ver C. GEFFRÉ, *De Babel à Pentecôte: Essais de théologie interreligieuse*, Paris: Cerf, 2006.

²⁶ Cf. H.U. VON BALTHASAR, *La Gloire et la Croix*, 1, pp. 127-129.

e a atração do bem na medida em que da contemplação nasce o amor desinteressado. A liberdade se torna capaz no amor de superar a tentação de “ser como Deus”²⁷, reencontrando a própria verdade e a plenitude do seu ser finito.

A procura do bem que nasce da contemplação da figura de Jesus Cristo é mais do que a fria e impessoal exigência absoluta de justiça, exposta a tornar-se desumana e alienante. É resposta livre do amor ao Amor livre de toda tendência possessiva e toda *hýbris* prometeica. O amor que faz com que o bem do outro seja o bem próprio, sem anular a alteridade numa totalidade dialética que destruiria a liberdade humana. Pode-se então afirmar com o salmista:

Meu coração não se enche de orgulho, nem meu olhar se alça arrogante...
Mantenho em calma e sossego a minha alma, como a criança no seio materno²⁸.

Por ter lugar numa *figura humana* presencializada significativamente pelo testemunho eclesial do querigma, a experiência cristã de Deus independe do tipo de cultura do ouvinte da Palavra. Pode por isso mesmo acontecer, de maneira anônima, através da experiência humana do existir no mundo como consciência em relação com outras consciências em face de um projeto histórico comum. O cristianismo pode se apresentar como revelação, na história, de todo autêntico relacionamento com Deus.

A *linguagem da evangelização* deve respeitar a forma histórica da revelação divina: para evocar significativamente a figura de Cristo deve ser *linguagem rememorativa* das palavras e dos fatos de Jesus e *linguagem interpretativa* de sua significação “teológica”, a exemplo da linguagem normativa da Escritura²⁹. O desequilíbrio entre esses dois aspectos não pode deixar de trazer funestas consequências à educação da fé.

Está aí o fundamento do *caráter narrativo da doutrina cristã* como aparece nas próprias profissões da fé.

A linguagem da catequese: “memória” e interpretação

Desde as origens da Igreja o conteúdo do querigma tende a ser resumido em *breves formulações*, dentre as quais as mais sintéticas e primitivas são as concisas confissões da fé constituídas pela atribuição a Jesus dos títulos

²⁷ Gn 3,5.

²⁸ Sl 131,1s.

²⁹ Sem esquecer que algumas narrativas bíblicas são já interpretação, em forma narrativa, do sentido da vida de Jesus.

Senhor, Cristo ou Messias, Filho de Deus, etc. Outras formulações consistem na *proclamação do evento da morte e ressurreição* de Jesus e de sua significação salvífica.

Também desde o início, as formulações da fé tendem a se desenvolver na *rememoração pormenorizada* dos gestos e das palavras de Jesus em referência às situações concretas da comunidade. O discurso querigmático é sempre rememorativo e interpretativo ou dogmático: evocação significativa da figura de Jesus contemplada à luz da Ressurreição, realizada em virtude da ação do Espírito na comunidade crente. Trata-se de uma forma singular de evocação, que participa da sacramentalidade da Igreja e se constitui como presença viva, no Espírito, do Senhor ressuscitado.

A *gênese da fé*, ao longo dos séculos, permanece fundamentalmente idêntica à *gênese da fé apostólica*. A atual consciência da fé possui uma *imediatez* com respeito à figura de Jesus Cristo que não é suprimida pelo fato de chegar ao crente mediante a tradição da Igreja. No seio da tradição eclesial da qual faz parte a Escritura, como norma da fé dada por Deus, deve ser entendida a função dogmático-interpretativa do magistério apenas como *um* dos elementos dados por Deus para continuidade da fé apostólica³⁰.

A evocação da figura de Jesus Cristo não é reconstrução histórica do passado. Desde as origens da sua tradição querigmática se apresenta como *rememoração*, ao mesmo tempo *fiel e criativa*, de maneira a mostrar sua significação teológica em referência às cambiantes situações da comunidade crente. Fica assim sujeita a sofrer as influências de diversos horizontes de compreensão culturalmente condicionados, mas isso não impossibilita o contato objetivo, no essencial, com a figura “histórica” de Jesus, embora para tanto se requeira cuidadoso esforço hermenêutico.

As garantias da evocação fiel e criativa da figura de Jesus não são *em última instância*, nem a letra da Escritura, nem a função corretiva do magistério, nem a investigação da exegese ou a especulação teológica, mas *a presença do Espírito*. Ele recordará à Igreja tudo o que Jesus disse, guiando-a na verdade toda e interpretando o que for acontecendo³¹. A ação do Espírito, no entanto, se realiza mediante todos aqueles meios.

A catequese hoje deve ter muito cuidado para não absolutizar o Magistério, sob pena de pôr um obstáculo ao encontro com Deus em Jesus Cristo. O cristão adulto na fé deve saber que o Magistério está a serviço da Palavra e é por ela julgado.

A evocação da figura de Cristo tem lugar, portanto, mediante um *processo hermenêutico, dirigido pelo Espírito*. O termo do processo não é a simples substituição das formulações da Escritura por formulações mais conformes

³⁰ Cf. RAHNER / THÜSING, *Cristología*, pp. 238-243.

³¹ Cf. Jo 14,26 e Jo 16,14.

ao horizonte cultural do homem de hoje, mas a *contemplanção da figura de Jesus Cristo, reveladora do Mistério divino*.

A prática evangelizadora pretende *formar cristãos adultos na fé*, capazes de *dizerem a própria palavra*. Cristãos que saibam confessar pessoal e significativamente a fé em comunhão com a fé eclesial. Sua função primeira é educar para que o cristão, em contato com a palavra-fonte da Bíblia, possa *contemplar a figura de Jesus* em referência à situação única e singular da própria existência. Tal situação, contudo, só pode ser compreendida adequadamente em relação com a situação da comunidade eclesial e do mundo.

Está aí possivelmente o caminho mais eficaz para ir ao encontro da diáspora dos cristãos para as igrejas da prosperidade. Quem aprender a reconhecer o verdadeiro Deus no anúncio de Jesus Cristo não se deixará iludir pelos ídolos que a ideologia da prosperidade oferece, mesmo quando for dado ao ídolo o nome de Jesus. O povo guiado por Moisés no deserto ao fabricar o bezerro de ouro não pretendia afastar-se de Javé. Queria apenas poder carregá-lo nos caminhos traçados pelo próprio povo em lugar de deixar-se guiar pelos imprevisíveis caminhos do Senhor. Buscava um deus à disposição do homem.

É claro que essa proposta catequética assusta: um cristão adulto, capaz de julgar as propostas daquelas igrejas, será também capaz de julgar as propostas de seus próprios pastores, em todos os níveis da estrutura eclesial, perante a soberania do Evangelho de Jesus Cristo. O Senhor responde às Igrejas: Não tenhais medo; a Verdade vos tornará livres.

A linguagem-fonte da Escritura não é dispensável porque toda interpretação histórica é sempre *finita e parcial*, sujeita à revisão. A própria linguagem normativa da Escritura recebe *inteligibilidade última da figura de Jesus Cristo*³² que só progressivamente, mediante volta constante à Escritura relida em referência às situações cambiantes da própria existência, vai revelando suas riquezas inexauríveis.

O reconhecimento de que a visão seja necessariamente *parcial* não significa negar a objetividade. É a única via possível de afirmar a objetividade própria do conhecimento humano, sempre historicamente condicionado, e nada tem a ver com *relativismo*. Não é mais do que *consciência da descentração do próprio conhecimento* em face de uma figura que, ao revelar-se como humano-divina, é sempre maior que qualquer das suas objetivações na linguagem humana.

Diante dessa figura é preciso se colocar a cada momento como *discípulo*. “Se alguém pensa que acabou de conhecer alguma coisa, ainda não começou a

³² Não se dá aí círculo vicioso. A pessoa só é conhecida progressivamente através de seus gestos e suas palavras. Mas cada um destes só é compreendido adequadamente à luz que irradia do conjunto da figura histórica. A suspeita de círculo vicioso é ilusão do pensamento abstrato.

conhecer como é devido”³³. *Toda formulação da fé reenvia constantemente à figura de Jesus Cristo*, perante a qual só cabe atitude de contemplação e escuta atenta, no seguimento do Senhor e no compromisso com sua missão.

A contemplação, na vida presente, não pode prescindir da mediação da imagem, mas o olhar da fé sabe da contingência e parcialidade das imagens e da necessidade de superá-las no constante exercício do discernimento espiritual. O discernimento, dirigido pelo Espírito, se realiza em comunhão com a comunidade de fé e sob a orientação do serviço hierárquico. Mas o serviço hierárquico deve deixar-se corrigir se necessário pela sensibilidade da fé dos fiéis. Sobretudo em situações onde só os leigos têm experiência imediata das exigências e desafios do Evangelho.

Situa-se aqui uma intuição valiosa da atual reflexão teológica latino-americana. Não existe caminho direto da Escritura à contemplação da figura de Jesus: o modo de se compreender no mundo, as relações sociais e a práxis são mediações inevitáveis. O problema teológico que surge então é discernir como essas mediações devam ser concebidas de maneira que manifestem *a mediação única e singular de Jesus Cristo no conhecimento de Deus*.

Para ajudar a realizar a experiência de Deus revelado em Jesus Cristo, a evangelização deve se configurar de acordo com a figura neotestamentária do querigma: sua linguagem deve *evocar significativamente* a figura singular de Jesus Cristo.

Toda redução da figura de Cristo à dimensão puramente humana, mesmo quando pretenda ser metodologicamente provisória, não só impossibilita a experiência de Deus em face dessa figura, senão também o mesmo acesso à verdade *histórica* de Jesus. Assim como toda interpretação que tenda para o monofisismo deixando na sombra a densidade humana da existência de Cristo. Esta só chega até nós através da visão da *fé apostólica em Jesus como a Palavra de Deus feita carne*. Fica em evidência a necessidade de manter o equilíbrio entre os aspectos rememorativo e interpretativo da linguagem da evangelização.

Isso não significa mais do que recordar uma verdade que esteve sempre presente na tradição da Igreja. A mais autêntica experiência da fé cristã em todas as épocas esteve centrada na contemplação e no seguimento da figura de Jesus Cristo, apesar de possíveis desvios parciais, nunca totalmente evitáveis na Igreja peregrina.

Restringindo-nos apenas a algumas exemplificações significativas, recordamos a experiência espiritual de Teresa de Ávila, o movimento renovador do franciscanismo, a pedagogia espiritual dos Exercícios inacianos ou a prática tão popular da reza do rosário acompanhada da contemplação dos mistérios da vida, morte e ressurreição do Senhor.

³³ 1Cor 8,2.

A *celebração da Eucaristia*, ápice de toda ação evangelizadora, é *anamnese* ou rememoração sacramental da morte e ressurreição do Senhor acompanhada de *didaqué* interpretativa em referência às situações concretas da comunidade. Torna-se assim *mistagogia*, vivência do Mistério pascal do Cristo por uma assembleia litúrgica geográfica e historicamente situada.

Sempre que a catequese e a prática evangelizadora descuidaram o equilíbrio entre discurso dogmático e discurso rememorativo, a experiência da fé do povo ficou sujeita a funestos desvios.

Futuro da renovação catequética

Das reflexões anteriores transparece a complexidade da catequese. Trata-se de uma complexidade que não deve assustar, por estar em consonância com a complexidade da vida. A vida humana é sempre relação, interação de consciências abertas à totalidade do mundo. Para responder à complexidade da vida humana, exposta à violação do sentido, Cristo não deixou um manual ou um catecismo, nem sequer uma Bíblia. A Bíblia é consequência do que ele nos deixou: permaneceu conosco e fez da comunidade dos discípulos o seu Corpo, vivificado por seu Espírito, para Ele próprio continuar agindo no mundo como Senhor da Igreja. Os catecismos do passado nasceram em circunstâncias muito concretas da história da Igreja para responder a necessidades históricas da vida da comunidade. A história não se repete e por isso não se repetem os catecismos, nem os tratados de teologia. *Nascerão* diversificados em cada situação histórica *da vida das comunidades cristãs*.

Sabidamente os documentos catequéticos lembrados acima nos recordam que a catequese, obra de toda a comunidade, deve ser iniciação à vida na comunidade dos seguidores de Jesus³⁴. A comunidade cristã nasce a cada momento da Eucaristia. *A Eucaristia faz a Igreja*: esta nasce constantemente da celebração do Mistério Pascal. Nasce da vida, morte e ressurreição do Senhor do qual a Eucaristia é memorial. Pela Eucaristia o Senhor ressuscitado configura a comunidade ao mistério de sua vida que culmina na morte e ressurreição.

Pensar em catequese de estilo catecumenal para a iniciação à vida cristã significa pôr no centro da catequese a celebração da Eucaristia. Lembre-se que na Igreja antiga a catequese dos catecúmenos se realizava preferentemente pela participação com a comunidade na liturgia da Palavra. Durante três anos os catecúmenos, junto aos batizados, eram iniciados no Mistério do Cristo celebrado ao longo do ano litúrgico. Aprendiam a

³⁴ Tratei deste tema no artigo “Catequese e comunidade cristã”, *PerspTeol* 37 (2005) 315-336. Limito-me aqui a salientar alguns dos aspetos ali desenvolvidos.

ver na memória da vida, morte e ressurreição de Jesus não simples recordação do passado, mas a presença do Cristo transformando suas vidas na comunidade dos discípulos.

Aprendiam, guiados pelas homilias de quem presidia a celebração, que as palavras e gestos de Jesus se perpetuam nos sacramentos. Faziam a experiência de serem tocados pelo gesto de Jesus enviando-os com o cego de nascença a lavar seus olhos na piscina de Siloé (o Enviado, enfatiza João). O processo do Batismo é vivido assim como caminhar até a fonte das águas do Espírito para a iluminação progressiva do olhar com a luz de Cristo. O ensinamento se faz rito. No segundo escrutínio impõem-se as mãos sobre o catecúmeno invocando o Espírito de Deus para que sejam libertados dos erros que os cegam e conduzidos ao Cristo luz do mundo. Tornam-se para sempre filhos da luz.

Quando se celebra o batismo de adultos deixando-se guiar criativamente pelo ritual renovado, o gesto de Jesus ordenando a Lázaro sair do túmulo é vivido pelos catecúmenos, já eleitos para o batismo, junto com toda a comunidade que os acompanha, como participação na vitória da Ressurreição de Cristo sobre a morte. Nascimento perene para a vida nova, simbolizado no gesto de submergir e emergir das águas do Espírito, que continuarão jorrando ao longo da vida do batizado, até a vida eterna.

Nos tempos do Concílio, ouvi pessoalmente do Prof. Jungmann por ocasião de uma conferência sobre a missa dominical esta reflexão³⁵: Cada domingo o pároco se reúne com sua comunidade durante uma hora para celebrar a Eucaristia. Que empresa que dispusesse de recurso semelhante para formar seus associados não esperaria melhorar consideravelmente o desempenho? Por que a Paróquia, com esse tempo à disposição, não consegue iniciar satisfatoriamente os fiéis na vida cristã? Eram os tempos da liturgia em latim e de um ritual rígido e inflexível que fechava toda possibilidade de adaptação às situações diversificadas da assembleia. Foi essa reflexão que motivou o exímio liturgista a dedicar-se ao trabalho árduo da pesquisa histórica da liturgia. Sua contribuição para a reforma litúrgica conciliar é inegável. É significativo que Josef Jungmann foi também um dos grandes inspiradores da renovação catequética.

A reforma litúrgica ainda tem longo caminho pela frente até atingir o ideal proposto pela *Sacrossanctum Concilium* de ajudar as comunidades a viverem mais plenamente o Mistério de Cristo celebrado na liturgia, nas coordenadas socioculturais de sua situação. Lamentam alguns não ter havido mais coragem na adaptação às diversidades culturais. Mais lamentável é que, dentro das possibilidades propiciadas pelo atual direito litúrgico, que são muitas, não poucas assembleias litúrgicas não tenham conseguido

³⁵ Cf. J.M. MARTÍN PATINO (org.), *Liturgia hoy*, Madrid: Razón y Fe, 1965, pp. 139-155.

avancar na iniciação dos fiéis ao mistério do Cristo, que era o objetivo primeiro da reforma.

Quase cinquenta anos de experiência me confirmam na intuição de Jungmann. A eucaristia bem celebrada é o centro nevrálgico da catequese. Não se trata de converter as homilias em programa sistemático de doutrinação. Elas devem conservar sua identidade mistagógica para conduzir a assembleia a *viver* o mistério de Cristo *celebrado* na liturgia. Aprende-se a nadar nadando. Aprende-se a ser cristão ouvindo as palavras de Cristo como Palavra divina dirigida ao coração de cada membro da assembleia litúrgica em sintonia com o Corpo: a Igreja.

A assembleia litúrgica é constituída como Corpo de Cristo, pela Palavra, que não se identifica com a simples leitura e comentário dos textos bíblicos, e pela comunhão no gesto de Cristo da entrega sacramental do seu corpo e do seu sangue. A vivência disso, domingo a domingo, deveria ter mais força catequética que todas as outras instâncias doutrinárias. Não que estas sejam supérfluas. Mas devem nascer da Palavra vivenciada na celebração litúrgica e conduzir a ela.

Em boa lógica, seguir-se-ia daí o seguinte: quem preside a Eucaristia, por ter a missão de iniciar a comunidade na configuração da vida pela Palavra do Senhor, não deveria presidir também a formação e orientação das catequistas e dos catequistas? Não raramente se ouve destes a queixa de carecerem de uma presença mais próxima dos pastores e se ouve dizer de alguns destes que não foram formados em catequese. Não será esse o motivo que inspira recentes documentos catequéticos da CNBB a urgir a necessidade da formação catequética nos seminários e faculdades de Teologia?

Aparece aqui de novo a necessidade de uma reconfiguração das comunidades eclesiais e do ministério. O ideal de renovação catequética que emerge dos documentos da Igreja dificilmente se harmoniza com a situação de um Pároco com oito ou mais comunidades a seu cargo tendo que presidir cada fim de semana cinco ou mais assembleias eucarísticas. O que fazer? Não era o propósito deste artigo encontrar soluções que só poderão nascer do empenho conjunto de uma Igreja aberta ao sopro renovador do Espírito.

Se o artigo tiver ajudado o leitor a compreender as implicações da afirmação episcopal da centralidade da catequese na vida e na missão da Igreja, e que a catequese deve ser obra de toda a comunidade, terá cumprido seu objetivo. O empenho das comunidades em uma renovação da catequese que responda à complexidade da vida moderna poderá fazer o resto, quando os discípulos do Crucificado, em todos os níveis da instituição eclesial, se deixarem guiar pelo sopro do Espírito que inspirou ao papa João a convocar o Concílio. Quem sabe se então o *aggiornamento* profeticamente sonhado pelo bom papa João não irá vencendo as resistências que ele já previu e sofreu em vida e foram se avolumando com a consciência de que

o *aggiornamento* exige conversão constante de uma Igreja *semper reformanda*?

Esperanças há. Os documentos do Episcopado por ocasião do Ano Catequético, o Diretório Nacional de Catequese e as mais recentes Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora mostram que a inspiração profética da renovação conciliar continua acesa. Como chama olímpica, carregada e passada de mão em mão por atletas esforçados. De Medellín a Puebla, de Puebla a São Domingos, de São Domingos a Aparecida o ideal de renovação catequética permanece o mesmo nas intuições fundamentais. Falta, talvez, maior e mais estendida consciência de que os ideais carecem de meios adequados para se converter em práticas comuns e coragem para adotá-los.

A dualidade de caminhos suscitada pela renovação catequética reflete a dualidade de caminhos que se seguiram à renovação conciliar. Só uma Igreja concebida como comunhão de Igrejas, guiadas colegialmente por pastores que as ensinem a caminhar em sinodalidade³⁶, para a unidade reconciliada das diferenças, poderá anunciar de forma significativa a boa nova de Jesus, na diversidade de situações culturais do mundo atual³⁷. Para tanto todos os cristãos teríamos que assumir com mais empenho o pedido de João Paulo II de ajudar o Bispo de Roma a encontrar uma nova forma de exercer o ministério petrino³⁸.

Juan Antonio Ruiz de Gopegui SJ doutorou-se em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, em 1976. É docente no Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte. Publicações mais recentes: *Eukharistia, verdade e caminho da Igreja*, São Paulo: Loyola, 2009, e *Experiência de Deus e catequese narrativa*, São Paulo: Loyola, 2009.

Endereço: Rua Roberto Lúcio Aroeira, 318 (Itapoã)
31710-570 Belo Horizonte – MG
e-mail: ruizgopegui@gmail.com

³⁶ “O termo *sinodalidade* (derivado de *syn-hodos*, que significa “caminho comum”), indica o modo pelo qual os fiéis e as Igrejas são mantidos juntos, em comunhão, quando fazem isto”, in COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANA-CATÓLICA, *O Dom da autoridade*, São Paulo: Paulinas, 1999.

³⁷ Remeto ao meu artigo “O Concílio Vaticano II quarenta anos depois”, *PerspTeol* 37 (2005) 11-30.

³⁸ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ut unum sint*, nº 95.